

Sobre a definição de dêixis a partir de “A natureza dos pronomes”

Alena Ciulla*

Resumo

Neste artigo, apresento uma reflexão sobre o texto de Émile Benveniste, intitulado *A natureza dos pronomes*, publicado em *Problemas de Linguística Geral I* – texto citado reiteradamente na literatura, quando se trata de definir a dêixis. Contudo, classificações diferentes e quase sempre inconsistentes – ou no mínimo ambíguas – são apresentadas para tipos dêiticos com base nesta definição, supostamente amparada na obra de Benveniste. O intuito aqui não é o de fazer uma revisão das tipologias dêiticas na literatura, mas, neste momento, apenas o de retornar ao texto fundamental do autor e salientar aquilo que nele parece ser o mais importante: não a dêixis e seu traço de ostensão, mas a sua característica de autorreferência como fenômeno essencial à linguagem.

Palavras-chave: Dêixis. Referência. Autorreferência. Marca de pessoa. Enunciação.

Introdução: por que reler *A natureza dos pronomes*?

Por interessar a diferentes disciplinas, como a Psicologia, a Antropologia, a Semântica, a Pragmática, a Filosofia da Linguagem, a Linguística Textual e a gramática normativa, entre outras, a definição de dêixis é muito heterogênea. No entanto, para os fundamentos sobre a noção de dêixis, essas diferentes disciplinas comungam em alguns aspectos e os mesmos autores são, em geral, reportados.

De acordo com Kleiber (2013), o estudo da dêixis favoreceu duas grandes guinadas na Linguística: uma influenciada pelas pesquisas em Enunciação, que puseram por terra uma dicotomia radical entre *langue* e *parole*; outra fomentada pelo surgimento da Pragmática, que ampliou o olhar semântico vericondicional dado às frases com dêiticos.

* Doutora em Linguística, Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS. E-mail: alenacs@gmail.com

Data de submissão: set. 2018 – Data de aceite: out. 2018

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v14i3.8581>

Além de Benveniste (2005; 2006), Bühler (1932) é recorrentemente citado e, muitas vezes é a ele atribuída a definição de dêixis, principalmente quando se trata de tipos dêiticos. Diferentemente da tradição de Benveniste na Linguística, Bühler teve uma formação na área da Psicologia, e, por isso, a sua preocupação foi a de descrever o campo perceptivo de atuação da dêixis, enquanto fenômeno de apontamento no ato comunicativo. Ainda assim, no mais das vezes, os dois autores são concomitantemente mencionados para a conceituação do fenômeno dêitico.

No que diz respeito aos estudos linguísticos, que é o que nos interessa de perto, praticamente toda a literatura sobre dêixis menciona Benveniste como fundamento. E se não o fazem diretamente, fazem-no mencionando autores como Lahud (1979), Levinson (1983), Fillmore (1971; 1979; 1982), Lyons (1977; 1982) que, por sua vez, fundamentam-se em Benveniste. A herança deixada por esses autores foi a do tratamento da dêixis primordialmente como fenômeno de ostensão e, além disso, a da classificação, já tradicional, em dêixis de pessoa, tempo e lugar, com diversos subtipos, como a dêixis social, a dêixis discursiva e a dêixis de memória (para os diversos tipos dêiticos ver também CIULLA; MARTINS, 2017; CIULLA, 2002).

Assim, em estudos recentes de herdeiros desse legado, nota-se uma preocupação menor em definir o fenômeno e maior em observar tipos e funções no

discurso. Entre eles, os que têm sido desenvolvidos no Brasil, por autores como Cavalcante (2000), Koch (2004; 2005) e Ciulla (2002; 2008) o objetivo é o de fazer uma exaustiva localização de situações de dêixis em textos, identificando tipos e fornecendo uma interpretação para a sua contribuição na construção do sentido, ao apontar para objetos do discurso.

Esse aspecto mais descritivo de tipos dêiticos pode ser verificado também em uma publicação organizada por Jungbluth e Da Milano (2015), que reúne os trabalhos mais proeminentes sobre dêixis no mundo todo, atualmente, o *Manual of deixis in Romance Languages*. Também a tendência dos trinta artigos reunidos nesta obra é a de partir de uma definição geral – às vezes somente implícita e, na maior parte das vezes, de segunda mão – sobre a dêixis, que toma como principal critério a propriedade de ostensão, isto é, o de apontar para um objeto do mundo.

Nesses estudos, vê-se duas maneiras de abordar a dêixis – sendo a primeira, de longe, a mais recorrente. Uma, ligada ao termo *deixis*, do grego, como *ação de mostrar*, fundamentada na noção de direcionamento da atenção por meio de um apontamento - que pode ser puramente gestual, através da sinalização com as mãos, olhar e outros movimentos corporais. Assim, o termo *dêixis* abrigaria qualquer forma de expressão – inclusive as não verbais, como as que emergem da saliência discursiva de certas situações construídas sociocentricamente, pelo conhecimento compartilhado, sem men-

ção de um item lexical dêitico. Outra, a que seria um pouco mais próxima ao que se lê em Benveniste (ao menos em *A natureza dos pronomes*) ligada ao que está inscrito na língua e ao que a língua expressa, independentemente de gestos e outras indicações que acompanham e contribuem para o ato comunicativo.

Ambas as abordagens têm em comum privilegiar o traço de ostensão da dêixis, como já mencionado, pois visam uma descrição de funções discursivas das expressões dêiticas. Sob essa perspectiva, o “apontar” para referentes torna-se a principal característica e, assim, na maior parte das tipologias, as abordagens não são excludentes, isto é, consideram-se como dêixis, tanto os casos de apontamento gestual e de saliência da situação discursiva, quanto os que dependem de uma remissão ao *eu* explicitada somente na língua, independentemente de indicações e sinais realizadas durante o ato comunicativo.

A diversidade de tipologias se dá pela tomada de diferentes critérios de base, resultado, às vezes, de uma conexão nem sempre bem costurada entre abordagens. Entre Benveniste e Bühler, por exemplo, o próprio conceito de língua é muito diferente - o que implica, obviamente, em díspares perspectivas sobre a dêixis. Nessas situações, a heterogeneidade revela uma certa ambiguidade e inconsistência das classificações - o que remete a e exige, em minha opinião, uma discussão, a começar pela definição de dêixis. Esse foi um dos pontos

de partida que guiou esta investigação, que tem o intuito de propor uma reflexão sobre a definição de dêixis, tal como Benveniste a apresenta em *A natureza dos pronomes*.

Curioso é, em primeiro lugar, que Benveniste não se ocupa exatamente da dêixis, pelo menos não enquanto fenômeno de ostensão a objetos, mas da característica autorreferencial que está relacionada ao fenômeno, conforme pretendo demonstrar aqui.

Além disso, a definição geral e a classificação em tipos que são feitas nos estudos mencionados, supostamente com base em Benveniste, entram em choque, muitas vezes, com os pressupostos sobre língua e linguagem que encontramos reiteradamente na obra deste autor — o que também despertou o interesse de retornar aos textos de Benveniste, em especial ao *A natureza dos pronomes*.

Os pronomes e seus modos de operação na língua

Benveniste inicia o texto, anunciando que vai mostrar dois modos distintos de como os pronomes operam na língua. Quanto aos pronomes, como fato de linguagem, afirma o autor “não constituem uma classe unitária, mas são espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos” (BENVENISTE, 2005, p. 277).

E, para estabelecer, então, essa diferença entre os pronomes, explica que

Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavras por um locutor (BENVENISTE, 2005, p. 277).

Os dois modos de operação na língua seriam, então, um o do domínio da sintaxe da língua e o outro o das instâncias do discurso.

Mais adiante, há exemplos que esclarecem melhor o que Benveniste chama de elementos que pertencem à sintaxe da língua:

Assim, na classe formal dos pronomes, os chamados de “terceira pessoa” são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza. Como já se viu há muito tempo, as formas como *ele*, *o*, *isso*, etc só servem na qualidade de substitutivos abreviativos: *Pierre est malade; il a la fièvre* [Pedro está doente; ele está com febre]; substituem-se um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles. [...] É uma função de “representação” sintática que se estende assim a termos tomados às diferentes “partes do discurso”; e que corresponde a uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado e até um enunciado inteiro, por um substituto mais maleável. Assim, não há nada de comum entre a função desses substitutos e a dos indicadores de pessoa (BENVENISTE, 2005, p. 282).

Na tradição das abordagens clássicas sobre o assunto, esses são casos relacionados a uma retomada anafórica, confirmando-se também uma hipótese aqui levantada de que Benveniste estivesse

diferenciando modos de referir: uma que remete à instância de discurso, outra que refere, nas palavras dele, “sintaticamente”, por se dar entre um elemento e outro na frase ou entre as frases. Essa relação entre frases, hoje e desde que Coseriu (1980) passou a se referir a uma *Textlinguistik*, poderíamos chamar de *textual*, dando ênfase à tessitura composicional que guia o estabelecimento de sentido, e não à questão estritamente *sintática*, a qual designa relações de ordem mais gramatical. Além disso, a distinção entre os dois modos de linguagem e entre os domínios da categoria de pessoa e o da não pessoa, descritos a seguir, coincidiriam com uma abordagem sobre o assunto que distingue dêixis e anáfora, respectivamente.

Assim e em complemento ao que dissemos anteriormente, há uma outra ressalva a fazer sobre a função supostamente apenas substitutiva das retomadas. Em estudos sobre a anáfora, comprova-se amplamente, como em Apothéloz (1995), Charolles (1999), Marcuschi (1999) e Ciulla (2008), por exemplo, que esses elementos de retomada não são sempre meramente substitutivos, mas pelo contrário desempenham funções discursivas importantes, contribuindo muitas vezes para a organização do texto, para a argumentação, entre várias outras funções específicas e para a construção do sentido, de modo geral. Para este artigo, guardemos de Benveniste, por agora, a distinção que é feita pelo fato de esses elementos não remeterem à instância

de discurso e, por isso, pertencerem ao âmbito da não pessoa.

É importante lembrar, antes de prosseguir, que quando Benveniste menciona os pronomes pessoais, trata, na verdade, da categoria de pessoa – que nem sempre é expressa por pronomes nas diferentes línguas, ainda que em todas sejam observados esses indicadores. Assim, essa questão, por ser um problema de línguas, conclui, o autor, é antes um problema de linguagem.

Outro aspecto que vale sublinhar é o de que referimos, neste artigo, diversas vezes, *eu* para o que Benveniste, em francês, empregou, originalmente, *je*. Em ambos os casos, porém, a referência é à marca de pessoa, e não exclusivamente às formas com que o português ou o francês expressam a marca de pessoa.

Seguindo na explicação, Benveniste observa a importância da distinção da categoria de pessoa da de não pessoa, isto é, a diferença que se sobressai na análise de *eu/tu* com relação a *ele*. É a partir dessa distinção entre *instância de discurso/pessoa* e *sintaxe da língua/não pessoa* que é estabelecida, ao longo do texto, uma diferença entre autorreferência, instituída pela marca de pessoa, e a referência, que é a do domínio da não pessoa.

Benveniste também distingue entre o pronome pessoal *eu* e um nome – que também pertence ao domínio da não pessoa e comporta uma noção lexical, afirmando que não há apenas diferenças

formais entre essas duas categorias, mas que:

Há outras, que se prendem ao próprio processo de enunciação linguística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda (BENVENISTE, 2005, p. 278).

E é sobre essas que o autor discorre, então.

Para começar, lembra da questão de textos em que não há menção de *eu*, relacionando isso aos “gêneros de textos”: num tratado científico de grande extensão pode não haver uma única menção de *eu* e *tu*, já num texto oral, dificilmente eles não são empregados. E acrescenta:

Fora dessa condição de emprego, que já é distintiva, destacaremos uma propriedade fundamental, e aliás manifesta, de *eu* e *tu* na organização referencial dos signos linguísticos. Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e “objetiva”, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta. No entanto, as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há objeto definível com *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal (BENVENISTE, 2005, p. 278).

Esmiuçando o trecho acima, podemos afirmar que a categoria de pessoa tem a propriedade fundamental de organizar a língua, que, como se vê mais adiante no texto, se dá pela instituição de um centro de referência interno no discurso. O *tu* é compulsoriamente incluído, pois ao enunciar *eu*, o locutor institui sempre um outro, alocutário desta mesma instância de discurso.

Se, por um lado, o emprego de um nome remete a uma noção constante e “objetiva”, por outro, *eu*, designando alternadamente o locutor que toma a palavra, a cada instância, é inconstante e subjetivo. Observa-se que a palavra *objetiva* está entre aspas no texto original. Acredito que o grifo realizado pelo autor diz respeito à distinção feita entre o que remete à instância de discurso e, portanto à relação com *eu*, e o que remete a objetos, em que não há uma conexão obrigatória à instância de discurso a que pertencem. Não se trata, portanto, de uma “objetividade” absoluta em relação ao mundo, mas “objetivo”, neste caso, apenas marca a oposição a “subjetivo”, isto é, aos elementos que remetem a instância de *eu*.

Benveniste afirma neste trecho também que o nome está apto a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular. Isso significa dizer que, de um lado, o nome faz parte do inventário lexicai da língua, que corresponde às possibilidades de uso, mas, por outro, também atualiza-se, ao referir um objeto em uma situação enunciativa concreta. Para os nomes em referência, a representação seria idêntica – e por isso poder-se-ia falar em *estabilidade*; já para o pronome pessoal, como a cada enunciação são alteradas as condições eu/tu-aqui-agora, é sempre necessário ajustar a relação, daí a *instabilidade*.

A esse propósito, acredito que a propriedade de virtualidade do nome é que lhe empresta o caráter de constância

ou estabilidade, já que o léxico da língua constitui-se, usando as palavras de Saussure (1974) como um “tesouro depositado” na memória dos falantes de uma língua. Por outro lado, defendendo a posição de que essa constância dos nomes também é relativa, já que no emprego e a cada instância, um mesmo nome designa não exatamente “a mesma coisa”. Assim, não se pode dizer que a representação realizada pelos nomes na referência é idêntica. Segundo Benveniste (2006), os sentidos são atribuídos na enunciação; e dependem, portanto, dos sujeitos e de suas particularidades e modos de ver o mundo – o que não tem nada de constante (ver mais sobre esse assunto em CIULLA, 2018). Decorre daí uma outra discussão sobre essa instabilidade que ocorre na referência, a meu ver, e que será retomada em estudos posteriores, pois foge ao escopo deste artigo, em que me limito ao que trata Benveniste em *A natureza dos pronomes*.

Sinalizo, não obstante, que é preciso atentar para essas questões, quando Benveniste lança mão das oposições subjetivo/objetivo e inconstante/constante, para a distinção entre *eu* e os nomes.

Por fim, ressalto, ainda sobre o trecho citado acima, que, ao mencionar que as instâncias de emprego de *eu* não são uma classe de referência, Benveniste as opõe a uma outra classe, referida mais adiante no texto como *autorreferência*.

A importância dos pronomes para uma reflexão sobre a linguagem fica patente também quando Benveniste

destaca o seu papel como signos “vazios”, autorreferenciais, que é o de converter a língua em discurso. Assim que um locutor diz *eu* o “vazio” se torna pleno, na medida em que é possível, então, estabelecer com precisão o *eu / tu-aqui-agora*.

Nas palavras do autor:

A linguagem previne esse perigo instituindo um signo único, mas móvel, *eu*, que pode ser assumido por todo o locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância o seu próprio discurso. Esse signo está, pois ligado ao exercício da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira.

Afirmo, aqui, que essa propriedade não apenas está ligada, mas é o que permite o próprio exercício da linguagem. A mobilidade desse tipo de signo é o recurso da linguagem que previne uma situação impensável, a de que houvesse tantas línguas quanto indivíduos - no caso de que não houvesse um indicativo próprio, nas línguas, para marcar a pessoa que enuncia. Além disso, a propriedade autorreferencial das línguas é o que permite a alteridade no discurso, promovendo a intersubjetividade.

A definição de dêixis

Benveniste, antes mesmo de mencionar a palavra *dêixis*, mostra primeiramente que a marca de pessoa institui um centro de referência para a enunciação. O autor sugere uma explicação de como funciona esse esquema referencial:

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a *eu/tu* uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e aptidões combinatórias, a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais.

São, em primeiro lugar, os demonstrativos: *este*, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic / iste*. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contem o indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância do discurso (BENVENISTE, 2005, p. 279).

Há várias observações a fazer sobre esse trecho. Em primeiro lugar, com “essa referência constante e necessária à instância de discurso” é evidenciada a regularidade e necessidade para a enunciação da marca de pessoa, que é o que permite a referência à instância de discurso. Fica aqui reiterada, portanto, a importância da marca de pessoa para a linguagem.

Em segundo lugar, chamo a atenção para a identificação da série de “indicadores”, a partir de um traço que os une a *eu / tu*: são eles os demonstrativos *hic / iste* (*este / esse*) e, em outra classe, os advérbios *aqui* e *agora*. Estão, então, relacionados os principais elementos que fundam a instância de discurso, quais sejam, *eu / tu*, a dois outros tipos de elementos: os que são correlativos à relação entre *eu* e *tu* (*este* e *esse*) e aos que indicam a posição no tempo e no espaço de *eu / tu* (*agora* e *aqui*).

Uma hipótese para que Benveniste tenha se referido a *aqui- agora* como outra classe — diferente dos demonstrativos, porém submissos também à referência instituída por eu — é que *aqui- agora* juntam-se a *eu / tu* e complementam a presente instância de discurso, indicando espaço e tempo, enquanto que *este / esse* apenas identificam um objeto, associando-se à proximidade entre *eu* e *tu*.

Delineia-se, com isso, o tripé *eu / tu- aqui- agora* que funda os parâmetros que permitem falar do traço de ostensão dêitica, que é necessário para identificar todos os elementos que remetem a *eu*, como por exemplo, em algumas situações, os demonstrativos e advérbios de tempo e lugar. Porém, para Benveniste, é a remissão à instância de discurso que contém *eu* que caracteriza a dêixis:

Não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *dêixis*, como se costuma fazer, se não se acrescenta que **a dêixis é contemporânea da instância do discurso que contém o indicador de pessoa**; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere (BENVENISTE, 2005, p. 279-280, grifo nosso).

Com isso, pode-se inferir que o autor não está interessado, neste texto, em como a dêixis funciona no enunciado e, sim, na enunciação. Isto é, o foco não é identificar para onde aponta um dêitico em um enunciado concreto, mas como o fenômeno da dêixis opera na enunciação. Trata-se, em *A natureza dos pronomes*, de perceber o índice cardeal que estabelece um esquema referencial, cujo centro

é “eu”, e é indicado, por sua vez, pela marca de pessoa.

Ressaltamos, então, do trecho supracitado: 1) a importância de *eu* como centro referencial necessário, a cada instância de discurso 2) uma definição de dêixis ligada sobretudo à contemporaneidade da instância de discurso que contém o indicador de pessoa.

No excerto a seguir, percebe-se um reinvestimento de Benveniste no que diz respeito à distinção, já mencionada anteriormente, entre os indicadores da presente instância de discurso e outros termos, os quais não expressam a relação com a instância que o manifesta:

O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso. De fato, desde que não se visa mais, pela própria expressão, essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso, mas aos objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos” (BENVENISTE, 2005, p. 280).

Apresenta-se, então, um novo desenvolvimento ao que consideramos uma importante distinção entre autorreferência e referência. Para Benveniste, no domínio da categoria de pessoa, não se referem elementos “objetivos”: a realidade não é a das posições “objetivas” no tempo e no espaço, mas à enunciação, cada vez única, que as contém e reflete o seu próprio emprego: por isso *autorreferência*. De outro modo, no domínio da terceira pessoa, “há um modo de enunciação

possível para as instâncias de discurso que não devem remeter a elas mesmas” (BENVENISTE, 2005, p. 282). Assim, o pronome de terceira pessoa *ele*, os nomes e alguns outros pronomes que estão fora da relação *eu/tu*, têm uma “referência zero” nas palavras do autor, isto é, não são índices remissivos à instância que contém *eu*.

Para o autor, então, de um lado, temos [...] a língua como repertório de signos e sistema de combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios (BENVENISTE, 2005, p. 283).

Autorreferência, a característica fundamental da dêixis

Acredito que é aqui que se cruzam esses conceitos – de autorreferência e dêixis – e é aqui que importa, para Benveniste, neste texto, a noção de dêixis. Isso porque, como se pode depreender da leitura atenta de *A natureza dos pronomes*, o que torna os dêiticos especiais em relação a outros elementos da língua e a outras questões que envolvem a subjetividade é a sua característica (única) da autorreferencialidade, marcada pela indicação da primeira pessoa, conforme propõe o autor:

Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido (BENVENISTE, 2005, p. 279).

Com essa afirmação confusa, à primeira vista, pela circularidade do raciocínio, Benveniste reitera a noção de autorreferência, que é mesmo circular: *eu* é o que refere e é referido, é o que aponta e é o que é apontado. E é o único elemento da língua que apresenta essa propriedade.

Tal modo de explicar o funcionamento do pronome pessoal *me* permite dizer, então, que *eu* é o autorreferencial “primeiro”, pois 1) só pode ser identificado pela realidade/instância de discurso que o contém; 2) é ao mesmo tempo referente e serve de ponto de partida para todo o sistema de (auto)referência e 3) é o único que tem a característica de ser quem toma a palavra e instala a própria instância de discurso.

O *aqui* e *agora* de *eu*, por sua vez, são também autorreferenciais que talvez possamos chamar de “segunda ordem”, pois remetem à presente instância de discurso (ao o presente local e momento de quem diz *eu*) e são também referentes, indicando um espaço e um tempo. Além disso, são os elementos que permitem que demonstrativos identifiquem um referente no espaço e no tempo de *eu/tu*.

Os demonstrativos são, por sua vez, indicadores de ostensão concomitantes com a instância de discurso, mas de uma outra classe, pois estabelecem outra relação com *eu/tu* e não servem como ponto de remissão a outros dêiticos.

Apresento a seguir, uma sumarização do esquema autorreferencial sugerido por Benveniste, reinterpretado, aqui,

ressaltando-se as relações entre os elementos e a presente instância de discurso marcada por *eu*. Essas relações parecem se organizar em diferentes níveis, numa espécie de hierarquia.

- I. *Eu* é o centro da enunciação e instaura o *tu*; *eu* transcende *tu*, por ser o elemento fundador; é autorreferencial (remete a si próprio, instituindo-se como referente), ao mesmo tempo em que funciona como o centro de coordenadas para toda ostensão realizada manifestamente na língua.
- II. Seguindo a linha de raciocínio, *aqui* e *agora* são autorreferenciais, pois remetem à instância de discurso de *eu*; e antes de servir como ponto de coordenada para outros elementos dêiticos, também são dependentes, portanto, de *eu*.
- III. Demonstrativos que fazem remissão às coordenadas no espaço e no tempo do tripé *eu-aqui-agora*; estão submissos ao tripé e não servem como índices para outros dêiticos.

Entre esses três grupos, vê-se que não há uma relação horizontal, pois parece haver uma hierarquia nas interdependências entre um grupo e outro, entre um elemento e outro, e especialmente em relação a *eu*, que não depende de

ninguém e instaura o ponto cardeal da enunciação.

É interessante observar que as classificações em tipos dêiticos, na literatura, de modo geral, considera o tripé sugerido por Benveniste, mas despreza essas diferentes relações que se estabelecem com *eu* e que o autor, a meu ver, evidencia.

Além da hierarquia, ao sugerir os três grupos, foi listado, portanto, o que, a partir de *A natureza dos pronomes*, concluí que sejam os elementos dêiticos de uma língua. A pergunta, então é: o que define, afinal, um dêitico?

Parece que o que se poderia chamar de tipos dêiticos, na proposta apresentada, diz respeito às diferentes relações que são estabelecidas entre os elementos e *eu* (ou a instância que contem *eu*). Por isso, então, são dêiticos apenas os que estabelecem com o *eu* essa relação, em uma de suas modalidades. Repetindo Benveniste: “O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, do objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso” (p. 280).

Um primeiro ponto polêmico que apresento é o de que, por essa explanação sobre a caracterização dêitica, torna-se questionável considerar *eu* como dêitico, já que ele próprio funda a dêixis. Uma saída para esse impasse seria a de retomar a definição sugerida acima: *eu* pode ser considerado dêitico, pois mantém uma relação com a presente instância de discurso que contem a si próprio, que é justamente a de instituir a presente instância de discurso.

Um outro, talvez ainda mais polêmico, é sobre os elementos como *lá*, que são tradicionalmente reconhecidos como dêiticos, pressupondo a distância em relação ao *eu*. Esse é, aliás, um critério bastante comum nas classificações: se, para a “correta” identificação de um referente, tem-se em conta a posição do *eu* que enuncia, então estamos diante de um caso de dêixis. A questão é que, partindo de uma definição de dêixis, como a que apresenta Benveniste em *A natureza dos pronomes*, em que o critério é o da autorreferencialidade, isto é, a remissão à presente instância de discurso, *lá* não seria um dêitico, ainda que seja um elemento referencial de apontamento, conservando, então, o traço de ostensão.

Contudo, seria esse um caso delicado, pois, se, por um lado, *lá* não se encaixa como um elemento autorreferencial, já que não remete à instância presente de discurso, mas para “longe” da relação *eu/tu* que a funda, por outro lado, *lá* também não parece estar exatamente consoante à descrição dos elementos da categoria de não pessoa. *Lá* parece, para um olhar desavisado, também se comportar como um tipo de signo “vazio”, alternando a referência, de acordo com a situação enunciativa, sendo “preenchido” somente em uma situação concreta.

Para Benveniste, a explicação do comportamento de tais expressões está na sequência de um trecho já mencionado e é a seguinte:

O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso. De fato, desde que não se visa mais, pela própria expressão, essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso, mas aos objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos”. Daí as correlações como *eu: ele - aqui: lá - agora: então - hoje: no mesmo dia - ontem: na véspera - amanhã: no dia seguinte - na próxima semana: na semana seguinte - há três dias: três dias antes*, etc. A própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos (BENVENISTE, 2005, p. 280).

Começemos pelas expressões como *no mesmo dia, na véspera, no dia seguinte e três dias antes*, citadas no exemplo de Benveniste, acima, pois elas serviram de fio condutor para o raciocínio que apresento a seguir. Tais expressões são identificadas como não dêiticas também pela classificação tradicional, mas por um critério diferente do que o autor estabelece. Para a literatura em geral sobre a dêixis, a explicação para não se considerar tais expressões como dêiticas é a de que o centro de referência não é fixado pela instância presente de *eu*, mas algum ponto que é fixado no próprio enunciado. Assim, *na véspera* não é o dia anterior ao dia no tempo presente de quem diz eu, mas um dia anterior a uma data determinada. Há aqui uma coincidência, na verdade, como veremos a seguir.

Esses exemplos podem ser esclarecedores de um ponto até aqui nebuloso, não apenas como foi o que apresentamos

sobre o *lá*, mas para uma questão que permeia toda a ambiguidade sobre as tipologias dêiticas. Porém, para entendê-lo, é preciso abrir mão da tradição do pensamento sobre a dêixis, abandonando definitivamente o critério da ostensão. A dêixis, sob a perspectiva apresentada por Benveniste, não diz respeito ao traço de apontamento, mas ao fato de os elementos referirem internamente em uma situação enunciativa, o que se evidencia melhor, quando comparamos expressões, ambas não dêiticas, como *na véspera e lá*.

Pensemos o seguinte: é claro que *lá* só pode ser “longe”, em relação à posição de *eu/tu*, assim como *ele* só pode ser não-pessoa, em relação a *eu/tu*, dando a falsa impressão de que se configura um caso de dêixis. No entanto, para que haja dêixis, não basta que a instância de *eu* funcione como um centro de coordenadas, como fica evidente que não acontece com *na véspera* ou *três dias antes*. É preciso fundamentalmente que a remissão seja feita à própria instância. O que acabo de afirmar é, em outras palavras, que para se configurar como dêixis, não basta conter um traço de ostensão que ligue a expressão à presente instância, é preciso ser autorreferencial.

Portanto, o que impede *ele* e *lá* de serem considerados dêiticos, neste raciocínio, é o fato de que remetem em um domínio que não é o do *eu/tu*, mas em um outro domínio, que está fora dessa relação. Os próprios termos *ele* e *lá* se expulsam do domínio do *eu/tu*. Como diz Benveniste “A própria língua revela

a diferença profunda entre esses dois planos” (BENVENISTE, 2005, p. 280).

Além disso, o significado de *ele* e *lá* é constante: por mais que se alterne a posição de *eu/tu*, *ele* e *lá* sempre representarão objetos um indivíduo e um lugar, respectivamente – que estão fora da presente instância de discurso. E, portanto, não são signos “vazios” tal como os descreveu Benveniste.

O aspecto de instabilidade de elementos como *ele* e *lá* é, ao fim e ao cabo, semelhante ao que anteriormente foi dito aqui sobre a virtualidade dos nomes: é uma questão que está relacionada, de um lado à constância e regularidade do sistema da língua, de outro ao irrepetível dos enunciados e à atribuição de sentido que se dá na enunciação. Tanto no caso de *ele* e *lá*, quando dos nomes, trata-se de uma outra ordem do instável, diferente da que é propriedade dos signos “vazios” e autorreferenciais.

Um último caso interessante que comento, aqui, é o dos chamados dêiticos discursivos, como por exemplo, num texto, as expressões “este documento” e “como mencionamos acima”. O centro de coordenadas, nessas situações, seria fundado pelo próprio texto, mas pelo fato de que a localização do ponto de leitura é realizada pelo monitoramento visual e/ou sequencial do texto por um interlocutor – é atribuído, então, um certo grau de deiticidade a tais expressões. No entanto, tais expressões alinham-se aos exemplos de não-dêiticos anteriormente mencionados, pois não se circunscrevem

à presente instância de discurso que contém *eu*. Isto é, expressões como “este documento”, na leitura de um texto escrito, bem como de “acima”, na mesma situação, independem da relação com a instância de *eu*. Dependem, isso, sim, das posições que são estabelecidas e fixadas no próprio texto.

Considerações finais

Ainda que forneça um conteúdo riquíssimo para uma reflexão sobre a dêixis, Benveniste se ocupa sobretudo, neste texto, em descrever o funcionamento da autorreferência, realizada por certos pronomes e advérbios, em oposição à referência, realizada por outras classes de pronomes, advérbios e nomes.

Na autorreferência não se referem elementos “objetivos”: a realidade não é a das posições “objetivas” no tempo e no espaço, mas à enunciação, cada vez única, que as contém e refletem o seu próprio emprego. A autorreferência é um sistema de referência interno da língua, cuja chave é *eu*.

Benveniste explica, enfim, como a referência – aqui tomada no sentido amplo, incluindo-se tanto a autorreferência, que está intimamente relacionada à dêixis, quanto a referência propriamente dita, que estaria relacionada à anáfora – funciona na enunciação.

Faz-se importante observar que, quando relacionamos termos de Benveniste, como *sintaxe da língua a texto e referência do domínio da não-pessoa a*

anáfora, o fazemos com a plena consciência de estar operando um deslocamento na reflexão. Há aqui implicada uma ressignificação da maneira de pensar a referência, que é diferente do que na literatura, de modo geral, se apresenta como dêixis e anáfora. Como já mencionado, Benveniste está menos – ou nada – preocupado em descrever o funcionamento textual de como a dêixis aponta para elementos num texto, ou de como a anáfora retoma e prospecta referentes.

Ele está ocupado em refletir sobre que recursos e mecanismos linguísticos são mobilizados na referência e permitem que façamos referência ao mundo pela língua e na língua. E nessa reflexão, propõe a autorreferência como o modo organizador de toda a referência, já que a língua exige, antes de tudo, um *eu* que se enuncia.

Sob essa perspectiva, graças à propriedade de autorreferir – e aqui também essa afirmação é de minha responsabilidade – a língua prescinde de gesto (e por vezes até do monitoramento da situação enunciativa) para indicar quem fala, de onde fala, e a que espaço se refere. E seria essa a função primordial dos dêiticos, distinguindo-os de todos os outros elementos da língua: a de autorreferir, organizando a enunciação.

Benveniste traz neste único texto importantes questões, cujo aporte pode engendrar ainda outros aprofundamentos nas pesquisas sobre dêixis, sobre referência e sobre a linguagem em geral. Resumo, a seguir, os principais tópicos

que foram abordados e, de certa maneira, provocam um deslocamento, especialmente para a questão da dêixis:

1. As duas maneiras de referir na língua: a autorreferencial e a referencial
2. A importância da marca de pessoa: ao enunciar, *eu* institui um centro de referência interno no discurso, que é a autorreferência
3. A importância das categorias de pessoa, que possibilitam a autorreferência e a sua distinção das categorias de não-pessoa, que estão associadas a um modo de referir também distinto (fundamentalmente por não remeter, através de uma expressão específica, à presente instância de discurso)
4. O esquema referencial fundado pelo tripé *eu / tu-aqui-agora*, formando uma espécie de *hierarquia dêitica*
5. Uma definição de dêixis que está condicionada à autorreferência: é um dêitico aquele elemento que é contemporâneo da instância de discurso de contém *eu*
6. A importância do papel da autorreferência e da mobilidade dos “signos vazios” permitindo o exercício da linguagem

Faz-se muito importante uma observação, especialmente pensando-se prospectivamente, a partir desta leitura de

A natureza dos pronomes que apresento aqui. O fato de que o critério da autorreferencialidade, conforme explicado, restringe o grupo de expressões que podem ser consideradas como dêiticas não significa que o campo de estudo esteja também sendo estreitado. Pelo contrário, ficam aqui sugeridas e delineadas diferentes maneiras e recursos, próprios de categorias de expressões distintas, que as línguas oferecem, quando a referência está em jogo. Assim, ainda que, por exemplo, os apontamentos que são feitos gestualmente não sejam considerados como dêixis, nesta abordagem, isso não significa que devam ser deixados à margem dos estudos linguísticos. O que importa, na verdade, não são os nomes com que batizamos os fenômenos, mas a sua natureza e o que os distingue, pois é isso que nos faz aproximar mais de uma compreensão das línguas e da linguagem.

Estudos como os da Análise da Conversação, que incluem o enfoque da interação e atividade dos falantes no ato comunicativo, podem enriquecer o estudo da referência, levando-se em consideração esses diferentes modos de referir, conforme sugerido, aqui.

Também outros textos de Benveniste, como *As relações de tempo no verbo francês* (1959), *Da subjetividade na linguagem* (1959), entre muitos outros, podem vir a ser explorados para complementar esse deslocamento sobre a definição de dêixis que registro, neste trabalho. E não apenas sobre essa questão, mas além,

sobre a noção de referência em oposição a de autorreferência e sobre a questão geral da referência, englobando todas as modalidades.

À propos de la définition de deixis, à partir de *La nature des pronoms*

Résumé

Dans ce travail, je présente une réflexion sur le texte d'Émile Benveniste, intitulé *La nature des pronoms*, publié dans *Problèmes de Linguistique Générale I*, cité à plusieurs reprises dans la littérature, pour définir la deixis. Cependant, des classifications différentes et presque toujours incohérentes - ou du moins ambiguës - sont présentées pour les types deictiques basés sur cette définition, supposément soutenue par le travail de Benveniste. Il ne s'agit pas ici de réviser les typologies dans la littérature mais, pour le moment, de revenir au texte fondamental de l'auteur et de souligner ce qui semble être la question la plus importante: pas la deixis et son trait d'ostension, mais sa caractéristique d'autoréférence comme phénomène essentiel au langage.

Mots-clé: Déixis. Référence. Autoréférence. Indicateur de personne. Énonciation.

Referências

APOTHÉLOZ, D. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Genève-Paris: Librairie Droz, 1995.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes pessoais. In *Problemas de Linguística Geral, I*. Campinas: Pontes, [1956] 2005.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral, I*. Campinas: Pontes, [1959] 2005.

_____. As relações de tempo no verbo francês. In: *Problemas de linguística geral, I*. Campinas: Pontes, [1959] 2005.

_____. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, [1967] 2006.

BÜHLER, K. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934.

CAVALCANTE, M.M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CHAROLLES, M. Associative anaphora and its interpretation. *Journal of Pragmatics*, v. 31, n. 3, 1999, p. 307-10.

CIULLA, A. *A referência anafórica e dêitica – com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002. 90 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

_____. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____. Um lugar para a referência, sob um ponto de vista da enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos da Unicamp*, v. 60, n. 3, p. 691-708, set.-dez. 2018.

_____. MARTINS, M. Um estudo sobre classificação de tipos dêiticos. *Revista de Letras*, v. 2, n. 36, jul./dez. 2017.

COSERIU, E. *Textlinguistik: Eine Einführung*. Tübingen-Basel: Francke, 1980.

FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.

FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1977.

FILLMORE, C. Towards a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (Ed.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982, p. 31-59.

JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. *Manual of Deixis in Romance Languages*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015.

KLEIBER, G. Dêiticos, embreadores, 'token-reflexivos', símbolos indexicais etc.: como defini-los?. Trad. de Mayalu Félix. *Intersecções*. 11. ed. a. 6, n. 3, p. 2, nov. 2013

KOCH, I.G.V. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LYONS, J. *Semantics*. London: Cambridge University Press. 2.v., 1977.

LYONS, J. Deixis and subjectivity: loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Ed.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 101-23.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: *CELSUL*, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.